

7^a

MOSTRA
DE
MODA

CURSO DE 92



CITEX - CENTRO DE
FORMAÇÃO PROFISSIONAL
DA INDÚSTRIA TÊXTIL

CRADO POR PROTOCOLO ENTRE:





SAN MARINO

Texto de
MARIA DO CARMO SERÉN

Fotografia de
JÚLIO A. DE MATOS

Roupas das colecções dos finalistas do
Curso de Design de Moda 1992 do CITEX



O DETECTIVE,

visto por Saraiva, o advogado

"A razão Fundamental porque utilizo os serviços de Vic – tenho de confessá-lo – é o seu relacionamento com toda a sociedade do norte. Refiro-me a pessoas bem, claro, porque é esse o meu público exclusivo. É óbvio que Vic é um bom profissional, e um bom fotógrafo, o que me tem sido muito útil. Mas que não haja confusões; se um dia me admitissem no Club Portuense não levaria Vic comigo. Creio que ficou muito marcado quando, há uns anos, foi estudar para a Europa; quero dizer que é um pouco negligé a vestir-se.

SARAIVA E OS OUTROS,

vistos pelo Detective

SARAIVA

É o meu patrão, o único que tive. Encontrei-o, julgo, numa daquelas realizações culturais que trouxeram cá o Carl Popper,

e ele viu-me tirar fotografias ao pessoal. Sou um sólido voyeur, e talvez por isso os casos que o Saraiva me oferece me interessam tanto, apesar dos meus outros interesses profissionais. Só há um grave inconveniente nisto tudo, que é o próprio Saraiva. Advoga apenas causas da alta, é um snob em todas as leituras que lhe sejam feitas e deixa-me sempre comprometido quando aparece dentro dos seus modelos exclusivos. Faz parar o trânsito!

IRENE

Era uma rapariguinha loura e presumida quando a conheci. Qualquer pessoa a pode ver nas páginas sociais dos Semanários – com quase dez anos em cima, mas muito mais elegante.

MARTA

Era, sem eu saber, a verdadeira cliente neste caso. Foi sempre elegante, sem o decadentismo obrigé de Irene, mas o cosmopolitismo e a sua tendência a frequentar grupos da esquerda diletante e os "Verdes" de todo o mundo, criou-lhe um estilo muito próprio e onde é de regra o Libération no saco.

A RAPARIGA

Quando a vi pela primeira vez, em serviço, confundi-a com Marta. Mas talvez seja mais frágil, mais esguia. É muito, muito jovem, mas a maquilhagem, a roupa extraordinária que usa, tornam difícil definir-lhe a idade.





I

Houve tempos, naqueles mornos e sossegados tempos da memória, em que qualquer tipo se perdia nas ruas quase privadas deste bairro de Guerra Junqueiro; era preciso ter-se na linha de mira o edifício da Sinagoga, que mais ou menos levava para terreno firme, junto à Avenida da Boavista. Havia um jogo de ruas cruzadas, levando a jardinsinhos públicos, de catálogo, com bancos de madeira pintados de verde. Lembrome de uma casa-chalet, modelo Disneylândia alpina, com uma profusão de anõezinhos de boa cerâmica alemã, espreitando no arboredo dos canteiros e de um lago de patos, atribuído a um industrial de sabonetes cá do burgo. Era um tempo muito snob, e um grande industrial ainda se manifestava através destes ternurentos movimentos kitsch.

À volta dos jardins podia-se circular num MG de desporto – de preferência branco, e mesmo, com certo cuidado, com uma arrastadeira Citroën de forros de cabedal vermelho.

O banco do jardim perdera a côr e estava profundamente lascado; os tempos eram, definitivamente outros, Mas mesmo agora eu não passava despercebido, ali a fazer cenário com o "Público" junto aos olhos, a vigiar os dois carros que estacionavam na ladeira da garagem privada da vivenda branca, a poucos metros de mim. Tinha deixado de chover há cerca de uma hora, mas os bancos sem tinta guardavam a água nas fissuras e eu sentia a humidade passar a gabardine azul-cinza, um dos seus exotismos que me tornavam visível a um quilómetro de distância. Uns miúdos faziam gincanas

Pág. 6 (esq.) - Roupa de MARINA DIAS

Pág. 6 (dir.) - Roupa de ALEXANDRA AZEVEDO GOMES



de bicicleta, com o objectivo único de esbarrarem uns com os outros. Era, ao fim de contas, um fim de tarde húmido e pouco vibrante e nada me prendia àquele resto de uma cidade que crescera para outras partes e onde só se perdia quem ia a pé para a Casa das Artes.

A matrícula do Volkswagen, recuperado com luxo, secara de todo. Dentro da casa o movimento era muito limitado; a mulher-a-dias viera ainda colocar um saco de plástico preto, gémeo de outro que se encostava ao portão. Já não trazia a proteger-lhe a carapinha avermelhada a touca de plástico transparente. Nos hotéis de quatro estrelas costumam oferecer aquelas toucas dentro de uma embalagem fechada, com um minúsculo frasco de xampô. Numa das fotografias que tirei, a rapariga surgia à porta de casa com um capucho escuro, impressionante, que me fazia lembrar uma imagem célebre de Maureen O'Hara na "Mulher Maldita". O princípio era, ao fim e ao cabo, o mesmo do da touca de banho.

II

Nem cinco minutos depois a mulher-a-dias abandonou a casa, deitando um olhar de relance ao carro que impedia que o portão se fechasse. Passou precisamente – deliberadamente – pela minha frente, uma censura muda à minha presença irrelevante na privacidade da praça.

Um "bimbo" bloqueou a entrada no difícil objectivo de sair do Uno por uma fresta; esgueirou-se, o vinco acentuado nas

Pág. 8 - Roupas de RUI RAMALHO

Pág. 10 - Roupas de PAULA SILVA

Pág. 11 - Roupas de ANABELA PAULA





Jeans novas, tão definitivo como as preguinhas das saias de seda que as mulheres voltaram a usar. Fez esforços redobrados para subtrair do carro uma saca com garrafas, do Euromarché. Todos os gestos eram embaraçados pela minha presença, mas deu para abrir um portãozinho de uma Casa da Branca de Neve; depois de suados esforços meteu o carro lá dentro. Como nos filmes de Tati, uma mulher um pouco pesada saltitou nos tacões altos até à porta, e, sempre com os braços levantados como se secasse o verniz das unhas, voltou a subir as escadas de tijolo, deixando entrever, pela porta aberta, uma aranha de fio plastificado para pendurar eventuais chapéus.

Aqui e ali acendiam-se tubos de neon nas cozinhas. Fui buscar o carro à paralela e circulei devagar pela praceta. No tapete do carro duas fotografias da rapariga olhavam-me dentro de um casacão azul da Prússia. No envelope havia outras num casaco com gola de pele, que avançava sobre o colo como uma amostra de peleiro, que mantinha a forma do bicho. Um braço semi-levantado marcava o movimento, a manga golpeada fazendo sombra num espaço de luz.

O Volkswagen desaparecera. Procurei apanhá-lo na rua de sentido único que levava a Guerra Junqueiro. Não dei com ele, andei às voltas no labirinto de ruazinhas deste Greenwich Village de trazer por casa, e perdi-me de novo.

III

Com a souplesse do dandy que fazia por parecer, o advogado Saraiva esperava-me no passeio da cervejaria, e viu-me assim que cruzei a lomba da rua que desce da

estação de serviço. O meu carro estava à esquerda da Rosalia, e eu contava ir lá despejar os livros de consulta que levava para o Seminário do Mestrado. Assim carreguei com eles, debaixo daquele género de abraços que os tipos da província prodigalizam aos subordinados.

Na entrada envidraçada da cervejaria o Saraiva chamava a atenção com o seu casacão verde, feito para deixar à vista o fato tipo militar. Uma espécie de boa que se abandonava desde o pescoço, sugeria a leitura de ficção científica e atraía os olhares de todos, embaraçando-me.

Contei-lhe o fracasso da noite anterior e mostrei-lhe as fotografias que tirara à rapariga; tentara isolar a silhueta, retirando da fotografia tudo o que lembrasse a casa que fora anos atrás. "Não é lá muito convincente, pois não?" garantiu-me o Saraiva. Alisava repetidas vezes os indícios de falta de cabelo no alto da nuca. "Preciso dos gajos juntos. Vais ter de entrar lá de qualquer maneira. Ao fim e ao cabo não são para fazer prova em tribunal, é só para fazer decidir a cliente". Nunca me olhava nos olhos, mas nas raízes do cabelo. Concordei. Amanhã sem falta trazia-lhe as provas com os dois bem juntos. Mentalmente vi-me a inspeccionar, à noite, a segurança da trepadeira de hera. "Amanhã, se tudo correr bem, trago-te as provas". Esperava o momento em que ele me perguntasse se pintava o cabelo. Não perguntou.

Pág. 15 (esq.) - Roupas de DANIELA MELO

Pág. 15 (dir.) - Roupas de ANA MARLENE

Pág. 16 (esq.) - Roupas de SÍLVIO SHOTTER

Pág. 16 (dir.) - Roupas de INÊS MEIRELES

Pág. 17 - Roupas de SUSANA MOTA





IV

Não fui a casa. Almoçara na cervejaria, o Saraiva teimou em levar-me à baixa, e aceitei, obrigado a carregar os livros comigo. Subi até ao Majestic, que, em início de estação, enchia até à porta. Encontrei uma folha de bloco, quadriculada, no interior da "Crítica do Juízo". Fui dando número às questões mais que categóricas do meu entendimento.

1. A cliente do Saraiva queria ir para um divórcio litigioso que a deixasse bem forrada; as fotografias do adultério eram para consumo interno. Não fazia prova, mas a cliente queria-as datadas e circunstanciadas.

2. O caso situava-se a nível de clã. Irene, que eu chegara a conhecer ainda solteira, filha de um professor universitário vivendo acima das posses, casara com um fulano rico, com cinemas no país, no Rio e em S. Paulo. Voltara a casar e o casamento parecia ter êxito, vinham em todas as fotografias que juntava a alta finança às elites, era contra esse homem que ela pretendia o divórcio, com lavagem de roupa suja em tribunal.

3. Até então o Saraiva não identificara o homem com o caso de escândalo financeiro que fazia vender os jornais nas últimas semanas. Mas o homem que se encontrava com a rapariga na casinha de hera era o mesmo que os semanários acusavam de ter deixado os accionistas sem plafond e sem esperanças.

Pág. 19 - Roupa de PAULA CRUZ



Mais novo do que a mulher, era um puro-sangue fotogénico que ligava bem com o jet-set internacional.

Era de esperar que o advogado tirasse bastantes cópias das minhas provas; havia, obviamente, muita gente à espera delas.

No Imperial dava-me sempre ao luxo de uma Cuba-livre; a sonolência que causava restituía-me o ambiente anos vinte que o café começara a perder. Alonguei as pernas e o olhar, devassando com lassidão os grupos de raparigas bonitas que estavam em trânsito, de umas para as outras mesas. Agora era vulgar os rapazes espiarem mais o espelho. Na minha frente um jovem louro vistoriava o perfil, emergindo de um blusão azul e vermelho, de bom corte. Um raio de Sol, baixo e salpicando de poeiras, formando galáxias em movimento, fez raio-X de uma rapariga, parada à entrada, usando um tecido inesperado, que parecia destruído pelo sobreaquecimento de uma máquina de lavar. Dez anos atrás, Marta, o mesmo gesto, o mesmo Sol moribundo. Desencantei da memória a minha ânsia, de braço levantado, chamando-a.

5. O dinheiro do Saraiva pagava-me as mensalidades do Mestrado e, o que é ainda mais importante, os livros do meu descontentamento. Trabalhar para ele era bem preferível a ensinar a gramática que não sei a crianças alienadas. As fotografias seriam para hoje.

Pág. 21 - Roupas de VITOR GONÇALVES



V

Pus de lado, com relutância, o livrinho de Ortega sobre os neo-kantianos. Os meus livros tinham chegado à Leitura, dizia um postal com data de hoje. Não encontrei o sal da vida na notícia, o passado tinha voltado na curva das recordações. Eram quase nove horas, e um dia do meio da semana; o corretor ficava com a rapariga até às 11. Fui de táxi e desci em frente ao Nun'Álvares. Percorri rapidamente o resto do percurso que me levava às traseiras da casa da hera; com os gestos da memória entrei com desenvoltura em casa alheia, saltando a pequena cancelinha ensarilhada de silvas que nunca se abria. Daí até ao baldio de urtigas que separava as duas casas foi um instante. Trepei o murinho e achei-me sob a varanda que deixava passar uma réstea de luz. Os sacos de plástico negros da mulher-a-dias tinham desaparecido, e em seu lugar estava uma vassoura de pano, com uma longa cabeleira desafogada. Subir, com o apoio do cano de PVC, novo em folha, foi fácil. Quando ergui o corpo, já na varanda, o relógio fez um impertinente bip-bip das dez horas, e senti o molhado frio do suor. O meu equipamento enxugava-o; tinha-o trazido da Suíça, dos tempos em que estudava Economia Política no colégio; era muito suave e as luvas estavam feitas para cumprir todas as funções. As portadas antigas, com tinta creme estalada, divididas em quatro corpos, estavam fechadas a três; o espaço iluminado deixava ver a lareira, que olhava de frente a janela da varanda. Na grade da lareira, numa bacia de cobre, com argolas gastas pelas brasas, ardiam papéis cortados em quadrados desiguais.

Pág. 23 - Roupas de ALEXANDRA SACADURA



Abaixei-me no ângulo de pedra, e da fila de vasos que dificultavam a minha observação, subiu repentino, o cheiro forte da lavanda. Como um halograma, os campos maciços de alfazema da Provença cortaram-me a respiração. Marta, fugindo e rindo, presa nos feios arbustos que o roxo das flores escondia.

Mesmo esmagando a recordação com um gesto de ombros, vi as bolas de arbusto seco, que iam e vinham ao sabor do vento, tão grandes e redondas como um abraço. Marta, com uma fita no cabelo parecia a princesa Aurora compondo um anúncio, ao vento, de um qualquer produto doméstico. Vinhamos de ter visto, uma vez mais, a reposição de "Pedro, o Louco", Marta já o vira, pelo menos, vinte vezes consecutivas. Quando me deixara, em Aix, levando apenas o estojo branco-azul da Nívea, onde as notas de cem francos se misturavam com anfetaminas e a pasta dos dentes, descobrira, entre a sua roupa branca, à procura de um vestígio de explicação, os quatro envelopes encerados que perdera, da minha infantil colecção de selos. Continham, cada um deles, um dedo completo, cortado; e, pelo tipo de unhas polida e tratada de profissão liberal, uma outra cortada rente, talvez de marinheiro, uma fina de intelectual, a quarta simples e mal tratada acusava o desportista. Três delas estavam coladas no fundo do envelope, onde o sangue secara. Uma deslizava no sangue ainda fresco, anulando o efeito da fita-cola que fechava o saquinho, onde a minha letra, ingenuamente, escrevia SAN MARINO.

Pág. 25 - Roupas de MIGUEL DA COSTA CABRAL

Pág. 26 - Roupas de ISABEL CARDOSO

Pág. 27 - Roupas de MARINA DIAS





VI

De costas para a varanda, sentada nos calcanhares, uma mulher jovem rasgava folhas, meticulosamente, retirando-as de montinhos que o homem de perfil, no cadeirão, organizava. Muitos deles eram verbetes bancários, mas havia também velhas folhas de papel selado, já fora de uso, com um espaço largo em cima, para encher com Vossas Excelências. O homem a quem os jornais chamavam "escroc" e outras coisas pouco elegantes, parecia o que sempre parecera, um jovem apaixonado pela vida, que joga golf com uns amigos, lerpa com os outros.

A certa altura o acaso dos gestos juntou as duas cabeças, e, se a direcção dos olhares fosse escamoteado, as fotografias poderiam ser convincentes. Eu sabia, porque o tinha visto muitas vezes nas provas, que o olhar da rapariga continuava fixo e translúcido como sempre, emergindo daquele gerânio moribundo que a sua blusa de folhos compunha sobre o casquinho de Pierrot. Um tremor incómodo percorria-me o corpo tenso, e deixei-me deslizar até ao jardim. Já na Avenida apanhei um táxi junto ao Meridien, para me levar a casa. No interior desta cidade violada, a cada segundo que passa, construía-se uma história de horror. Deixara a luva da mão esquerda, com o suporte do indicador lá dentro, na varanda de cimento, junto aos vasos de alfazema. Mas nada do mundo me levaria de volta. O motorista olhou a mão e perguntou-me com lástimas e certezas se "fôra um acidente de trabalho". Disse que sim.

Pág. 29 - Roupas de METTE PEDERSEN



VII

As fotografias encantaram o advogado. Tinha estado a revelá-las no laboratório improvisado na dispensa.

Esgotara as últimas Super Bock e mesmo um cognac que sabia a cassis, o que explicava a sua longevidade. Em todas as provas havia riscos e pontos brancos, manchas que eu não vira, mas estavam lá todas as tomadas, incluindo as pretensamente íntimas.

Eu ia no quarto rissol de marisco, a especialidade da cervejaria. O Saraiva trazia na carteira um cheque já preenchido que me meteu no bolso da gabardine, como se faz às manicures, sem deixar de espreitar o meu cabelo, onde despontavam raízes louras. Tinha de escrever o relatório sobre o criticismo e já falhara uma sessão na Faculdade de Letras. Levando nos olhos a imagem do colete arredondado do Saraiva, cobrindo uma camisa de colarinho-bébé, optei por descer à Faculdade e fazer o relatório essa noite. Mas no intervalo do café das quatro o contínuo chamou-me ao telefone. Era o Saraiva que me esperava no carro, no parque dos residentes do Campo Alegre. "Tens de vir comigo. A cliente quer falar contigo. Já viram as fotografias e esperam-nos num quarto de hotel em Santa Catarina". Não inquiri sobre o repentino plural. Por vezes eram flores da linguagem do Saraiva.

VIII

Na primeira janela, à esquerda quem entra, costumavam ver-se exposições bizarras de velhas senhoras, que iam desde almofadas pintadas à mão a artesanato andino trazido de viagens um pouco interesseiras.

Agora o hotel parecia mesmo um hotel fora de moda, mas brilhando nos seus espelhos e vidros pintados. Irene, Marta e a rapariga das fotografias não estavam juntas, mas isso não lhes retirava o poder de persuasão. Na janela, a jovem conservava o ar arrogante que atraíra o financeiro, o olhar distante brilhando como vidro, sem deixar ver a íris. Da saia comprida saía uma perna esguia calçada de renda, alegre e displicente, mas eu só via a tenebrosa morbidez que lhe emprestava.

As fotografias estavam com Irene que se remoçava num fato que de certeza fora usado por um bombista do Sinn Fein, anos atrás; representava a atitude de quem entrara ali de passagem e estava, definitivamente, de saída. Contrastava com o sorriso quente de Marta, previsível e inesperado, os cabelos fugindo em cascata de ouro do toucado cigano. Num mar de neurastenia, exigindo em súplica uma caixa de aspirinas, ouvia Irene e Saraiva que, como comparsas de uma comédia, tentavam demonstrar-me a interesse que havia em destruir os negativos das provas e esquecer todo o assunto. "Marta", dizia Irene, "dissera que você compreenderia"; a rapariga confrontara Marta, os mesmos olhares, os cabelos louro-cinza, como os meus.

A sua presença fora uma boa jogada. De Marta? De Irene? Nesta história os ingénuos eramos nós, eu e o Saraiva. Não voltaria a ver Marta. Ela e a filha partiriam nesse dia, sabe-se lá para onde, porque eu, de facto, julgava que compreendia.

IX

epílogo

No seguinte os jornais não falavam de outra coisa. O elegante corretor da Bolsa fora encontrado morto no interior do seu Volkswagen de estimação. Suicídio, era o veridicto geral. Parara na praia e bebera um café misturado com o veneno fatal; cenário que uma rapariga moderna decerto fora buscar a um anúncio televisivo de um qualquer café instantâneo.

Fechei-me em casa a fazer o relatório do Mestrado. Althusser, esse sim, matara a mulher que lhe provocava o sofrimento e, depois, continuara sofrendo. À minha volta, espalhadas à toa, jaziam as fotografias que diziam respeito ao caso do Saraiva. Tentava adivinhar no rosto, nos gestos, o estigma que nunca descobrira em Marta. Fechei na memória, em pânico, a cena final do "Falcão de Malta" e arqueei todos os casos de Marlowe. Chandler nada tinha a ver com "Pedro, o Louco" nem comigo; há, nas suas mulheres, um limpo e humano interesse por dinheiro.

Juntei as fotografias sem pena e sem passado. Fui buscar a caixa de lata onde desenhos confusos de Arte Nova lembravam os motivos com sombras chinesas que a rapariga mostrava numa das provas. No fundo da lata havia umas aquarelas que comprara na Pont Neuf, em Paris, e umas bugigangas saídas de uma festa popular. Por entre umas e outras despontava um envelope encerado que dizia SAN MARINO. Pús em cima as fotografias e os rolos de filme.

Um viajante, no interior da cidade, traça aqueles itinerários que são ignorados sistemas de fuga; compõe labirintos de acossados com espaços bloqueados pela memória, constrói passeios públicos para as suas máscaras mais felizes, e, de um café para outro, pratica novas identidades. E há sempre uma praceta, uma rua esquecida, onde um detective pode desenterrar armários suspeitos e tropeçar num vaso de alfazema.

Perseguidores e perseguidos têm em comum aquele itinerário guardado numa caixa de papelão, no meio de cartões e botões de punho fora de uso, ou mesmo numa gaveta de que, há muito, se perdeu a chave; é inevitável perderem-se no intricado das ruas e da memória, quando, desprevenidamente ousam abrir portas fechadas no labirinto, invadindo espaços que instituíram como proibidos. As velhas imagens, sem contornos e sem nitidez, imobilizadas no tempo nas suas fotografias seis-por-nove, voltam a impôr a sua lei.

E, por tudo isto, um detective transporta consigo irrecusáveis portefolios perdidos, e, em muitas gavetas há uma Marta, uma Irene, ou mesmo uma rapariga que é uma simples ampliação. Delas só sabemos o que nos contam as fotografias.



CITEX - CENTRO DE FORMAÇÃO
PROFISSIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL

TEL.: (02) 6183035
RUA PROF. AUGUSTO NOBRE, 483 - 4100 PORTO